



The Amanayé
Curt Nimuendajú
Alfred Metraux

Os Amanayé¹

Tradução:
Paulo de Tássio Borges da Silva²
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Ronnielle de Azevedo-Lopes³
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)

¹ In HANDBOOK OF SOUTH AMERICAN INDIANS, Volume 3 THE TROPICAL FOREST TRIBES. Julian H. Steward, Editor. Prepared in Cooperation With the United States Department of State as a Project of the Interdepartmental Committee on Scientific and Cultural Cooperation. UNITED STATES. GOVERNMENT PRINTING OFFICE, WASHINGTON: 1948. [MANUAL DOS ÍNDIOS DA AMÉRICA DO SUL, Volume 3 AS TRIBOS DA FLORESTA TROPICAL. Material preparado, como um projeto do Comitê Interdepartamental de Cooperação Científica e Cultural, em cooperação com o Departamento de Estado dos Estados Unidos. Editado por Julian H. Steward. WASHINGTON: 1948]. Texto em domínio público conforme o Art. 41 da Lei nº. 9.610/98 e Convenção de Berna, onde o Brasil é signatário.

² Possui graduação em Pedagogia: Docência e Gestão dos Processos Educativos pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB, Especialização em Educação Infantil pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Sergipe- UFS, Mestrado em Linguística e Línguas Indígenas pelo Museu Nacional - UFRJ e Doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - ProPED/UERJ. Fez o Pós-Doutorado no ProPED/UERJ com a supervisão de Elizabeth Macedo. Compõe o grupo de pesquisa "Currículo, Cultura e Diferença" da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ e é coordenador do grupo de pesquisa "Currículo, Diferença e Formação de Professorxs". É professor adjunto do Departamento de Educação (DED) de Angra dos Reis da Universidade Federal Fluminense (UFF) e professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-raciais - PPGER/UFSS. <https://orcid.org/0000-0001-7653-1404> Endereço eletrônico: paulodetassiosilva@yahoo.com.br

³ Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Especialização em Educação Ambiental na Universidade Federal do Pará, Mestrado em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Doutorado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Trabalhou na Rede Pública Estadual do Pará, período em que enfatiza um projeto vinculando Filosofia e a Educação Prisional em Marabá-PA. É professor de Filosofia no Campus Rural de Marabá-PA do Instituto Federal do Pará. Tem experiência de pesquisa em Filosofia, Ontologias, Educação Ambiental, Educação do Campo, Educação Escolar Indígena e Currículo. Pesquisa atualmente saberes tradicionais no Vale do Tocantins-Araguaia, etnoenvolvimento, currículos em etnoenvolvimento, educação escolar indígena, filosofias outras e transcolonialidades. <https://orcid.org/0000-0003-3898-7181> Endereço eletrônico: ronnesingular@gmail.com



RESUMO

O texto de Curt e Metraux contribui para os estudos etnológicos brasileiros, configurando-se como um registro importante para as lutas do Povo Amanayé. O texto apresenta no primeiro tópico uma discussão sobre a língua, o território e a história Amanayé, podendo proporcionar elementos para caminhos de retomada e revitalização linguística dos Amanayé, bem como referenciar estudos do território e história dos Amanayé. No segundo tópico o texto se debruça a uma descrição acerca da cultura dos Amanayé. Neste tópico, Nimuendajú e Metraux nos trazem informações em subtópicos sobre as formas de subsistências, moradias, roupas, barcos, manufaturados, armas, a produção do fogo, organização social e política, instrumentos musicais, tabaco e bebidas. O texto pode ser útil, ainda, no trabalho com a Lei 11.645/2008, sendo um rico material para ser trabalhado na formação inicial e continuada de professores.

Palavras-chave: Etnologia; Povos Indígenas; Povo Amanayé.

1. Língua, Território e História

Os nomes *Amanajó*, *Manajó* e *Manaxó* eram usados no Maranhão, no Piauí e no baixo Tocantins; *Amanagé* no Pará. *Mananyé* é o nome dado pelos *Turiwara*; *Manasewa* pelos *Tembé*. A autodenominação, *Manayé* ou *Amanayé*, tem significado incerto, mas pode ser Guaraní, *amandayé*, uma “associação de pessoas”, ou *amanajé*, “alcoviteiro” (PLATZMANN, 1896). Para ocultar sua identidade, alguns grupos assumiram o nome de *Ararandewá* (*Ararandewára*, *Ararandeuara*), “os do *Ararandéua* [rio]”, e *Turiwá* (*Turiwara*), nome de uma tribo vizinha.

Sobre a língua *Amanayé* foram publicados apenas dois pequenos verbetes, ambos em 1914: o de Lange e o de Nimuendajú. É o mais característico dos dialetos [língua] dos grupos *Tupí*. Tanto quanto pode ser verificado a partir dos verbetes, não há diferença na gramática.

Os *Amanayé* sempre ocuparam os rios Pindaré superior, Gurupi e Capim, o médio rio Moju e a parte central da margem direita do baixo Tocantins abaixo da foz do Rio Araguaia, e raramente foram encontrados longe desta região (lat. 4 ° S., longo. 48 ° W.).

São mencionados pela primeira vez em 1755, quando fizeram um acordo com o jesuíta Pe. Daniel Fay⁴, de Acamá (Monção-MA), aldeia Guajajara do rio Pindaré. Evidentemente,

⁴ N.T: O autor refere-se ao padre jesuíta David Fáy. David Fáy nasceu em 1722 na Hungria e ainda bem jovem ingressou na Companhia de Jesus, 1736, permanecendo nesta até a sua morte no cárcere em 1767. Em 1753, Fáy chega a colônia portuguesa, no Maranhão, atuando primeiro como professor em São Luís e depois nas missões, entre elas, junto aos *Amanayé*. No cenário pombalino de expulsão dos jesuítas, é preso e deportado para Portugal em 1757; em 1762, transferido para a prisão de São Julião da Barra, onde permaneceu até a sua morte em 1767. Aponta-se que, entre os motivos para a perseguição e prisão do padre David Fáy haveria justamente um “acordo” ou suposto acordo entre este e os *Amanayé*, que viviam próximo ao Rio Pindaré. Nos termos deste “acordo”, os

eles haviam tido contato anterior com pessoas civilizadas, pois evitavam todos os *brancos*, exceto os jesuítas.

Segundo Ribeiro de Sampaio (1812, p. 9), em 1760, um grande contingente de *Amanayé* mudou-se pacificamente para sudeste até o rio Alpercatas [no Maranhão], e se estabeleceu próximo à aldeia de Santo Antônio. Em 1815, havia apenas 20 desse grupo, e eles estavam misturados com sangue negro. A última menção a esta aldeia foi em 1820 (PRAZERES, 1891, p. 132). Uma parte desse contingente evidentemente continuou sua migração em 1763 através do rio Parnaíba para o Piauí (ALENCASTRE, 1857, p. 6), mas seu destino subsequente não é conhecido.

Em 1775, os “Amanajoz” são listados entre as tribos do Baixo Tocantins direito (Ribeiro de Sampaio, 1812, pp. 8, 9), e, em 1798, foram avistados a leste do rio Surubiju (Mendes de Almeida, sd, pág. 104). Em 1845, os “*Amananiú*” foram citados como habitantes de parte do Rio Moju [no Pará] por Saint-Adolphe. Em 1854, eles tinham uma aldeia no Pindaré acima da aldeia *Guajajara* de Sapucaia (MARQUES, 1864), mas em 1872 a aldeia foi transferida para o Tucumanduiá, um afluente ocidental do rio Gurupi (DODT, 1873, p. 132). Em 1862, os *Amanayé* possuíam duas aldeias com 60 habitantes às margens do rio Ararandéua, afluente ocidental do rio Capim [no Pará], que posteriormente foi seu centro.

Em 1872, Fr. Cândido de Heremence começou a converter os *Amanayé*, *Tembé* e *Turiwara* do Rio Capim. Com 200 *Amanayé*, fundou a Missão Anauerá (São Fidelis) na margem esquerda do rio Capim, abaixo da confluência dos rios Ararandéua e Surubijú. Os *Turiwara* e os *Tembé*, sendo hostis aos *Amanayé*, estabeleceram-se juntos mais abaixo. No ano seguinte, os *Amanayé* mataram o Fr. Cândido e um engenheiro belga, Blochhausen, porque durante uma viagem este último tratou severamente a tripulação dos *Amanayé* e feriu o filho do chefe (SOUZA FRANCO, 1842, p. 22; CRUZ, 1874, p. 47; MOREIRA PINTO, 1894; NIMUENDAJÚ, notas inéditas.) As represálias contra os *Amanayé* por esses assassinatos os levaram a se refugiar na região do rio Ararandéua. Hoje, alguns deles ainda

indígenas reconheceriam a autoridade do Rei desde que não fossem submetidos a nenhuma forma de trabalho forçado. O boato de tal acordo – nunca confirmado pelo pe. Fáy – teria enfurecidos os portugueses donos de terras que levaram o caso ao governador do Grão Pará e Maranhão, Mendonça Furtado, e este por seu turno ao Marquês de Pombal que ordenou a prisão e deportação do padre.



evitam o contato com o povo civilizado. Outros apareceram posteriormente com o nome de “*Ararandewára*” ou “*Turiwara*” para ocultar sua identidade.

Em 1889, os sobreviventes *Anambé* e *Amanajó*, quase exterminados por epidemias no Rio Arapari, viviam nas últimas corredeiras do rio Tocantins (EHRENREICH, 1892, p. 149).

Em 1911, o inspetor L. B. Horta Barboza, do Serviço de Proteção aos Índios, encontrou quatro aldeias *Amanayé* com mais de 300 habitantes na margem esquerda do rio Ararandéua. Em 1913, outra parte mais primitiva da tribo, que se autodenominava *Ararandewára*, foi visitada por Algot Lange no alto rio Moju, aproximadamente na lat. 4° S. Ele publicou a única descrição dos *Amanayé* (LANGE, 1914).

Durante várias décadas do final do século XIX e início do século XX, a figura mais importante entre os *Amanayé* do rio Ararandéua foi uma mulata chamada Damasia, esposa de um membro da tribo. Em 1926, Nimuendajú viu um pequeno grupo de *Amanayé*, que se autodenominava *Ararandewá (ra)*, em Mundurucu [localidade] no lat. 3 ° 55 ‘S. Estes tinham uma plantação no rio Mojú. Em 1942, apenas 17 pessoas, na maioria mestiços, sobreviviam do grupo chefiado pelo filho de Damasia (Arquivos da Inspeção de Serviço de Proteção aos Índios, Pará, 1942). Essas pessoas afirmam que outro grupo vivia longe de todo contato com os civilizados, no Igarapé do Garrafão, afluente esquerdo do rio Ararandéua. Em 1943, Nimuendajú encontrou um pequeno grupo de *Amanayé*, que vivia há várias décadas, em contato com neo-brasileiros, no alto Cairari, afluente da margem esquerda do baixo Moju. Eles se autodenominavam *Turiwa (ra)*.

2. Cultura

Subsistência – Os *Amanayé* cultivavam mandioca, algodão e fumo em clareiras na floresta. Uma clareira média de 1.000 por 1.300 jardas [entre 900 a 1.200 metros]. Esses índios também caçavam, principalmente tartarugas, que eram abundantes. As tartarugas não consumidas imediatamente eram mantidas em pequenos currais.

Cães e galinhas foram apresentados pelo *homem branco*.

A mandioca era preparada em cabana especial; os tubérculos eram esmagados em cocho de tronco de palmeira miriti, passados por uma peneira de fibra de malha grossa e

amassados em bolas que fermentavam em uma plataforma. A seguir, a pasta era espremida no tipiti cilíndrico, ou espremedor de mandioca, após o qual a polpa seca era esmagada e espalhada sobre uma panela de barro quente com as bordas levemente viradas para cima. A castanha do Brasil pode ser adicionada à farinha de mandioca para melhorar seu sabor.

Moradias – A aldeia *Amanayé* que Lange visitou tinha 26 casas “de ordem muito baixa, algumas sem telhado adequado, construídas em torno de uma pequena área de mata aberta”. A única mobília eram pequenas redes de algodão.

Roupas – Os homens *Amanayé* não usavam nada além de um curto cordão de algodão amarrado ao redor do *praeputium* [prepúcio], enquanto as mulheres usavam apenas uma tanga estreita.

Os enfeites masculinos incluíam pequenos bastões de madeira no lábio inferior e penas de peru presas em faixas de algodão coloridas ao redor da cabeça. As mulheres usavam “faixas de algodão semelhantes a ligas abaixo dos joelhos e nos tornozelos; ...algumas das moças mais jovens inserem ornamentos feitos de noz de marfim nos lóbulos das orelhas” (Lange, 1914).

Barcos – Canoas escavadas, 35 pés (10,6 m.) de comprimento e 5 pés (1,5 m.) de largura, eram feitos de árvores derrubadas na floresta e arrastadas para a água [a] rolos por meio [ramos] de trepadeiras.

Manufaturados – Os espremedores de mandioca eram trançados de forte palmeira miriti e fibras de tucum. Os fusos de algodão tinham um disco de madeira arredondado. O tear era “uma moldura quadrada simples feita de quatro bastões de cerca de 2 pés [0,6 m.] longo, amarrado com fibra ou cordão comum para formar um quadrado” (Lange, 1914). Tecidos, como redes, estavam frouxamente entrelaçados com uma trama dupla. As tangas foram coradas de vermelho com urucu.

A única cerâmica mencionada é a panela de mandioca de barro.

Armas – Os arcos eram grandes – um tendo 8 pés (2,4 m.) de comprimento e 4 polegadas (10 cm) de diâmetro – e entalhados em cada extremidade por uma corda de fibra de curauá. As flechas eram pontiagudas com uma lâmina de bambu ou com uma haste afiada com algumas farpas de cada lado. Ocasionalmente, uma pequena porca que produzia um som



de assobio era presa perto da ponta. A plumagem das flechas era do tipo arqueado oriental ou do modelo costurado no Xingú.

Os machados de pedra, usados até recentemente, eram cuidadosamente retificados, com cabeças quadrangulares de diorito e com um entalhe ao longo da face, perto da coronha. A cabeça são inseridas na extremidade fendida de uma haste de pau d'arco e amarrada com fibras grossas, depois coberta com a goma preta da árvore de jutaí.

A produção do fogo — O fogo era produzido com uma broca de fogo. Dois homens trabalhando juntos poderiam produzir fogo em 2 minutos.

Organização social e política — Lange observou um Amanayé chefe cuja personalidade fraca sugeria que ele deve ter herdado sua posição. Lange não fornece nenhuma outra informação sobre política ou organização.

Antes do casamento, os rapazes provavam sua coragem mergulhando um braço em um cilindro de fibra trançada que era fechado em ambas as extremidades e preenchido com formigas tocandeiras.

Instrumentos musicais — Os *Amanayé* possuíam um tambor que era incomum nesta área: Um tronco longo e oco de embauba foi suspenso em um galho horizontal por uma corda fina e resistente. Enquanto um homem batia o tambor com uma vara, “outro, provavelmente um xamã, dançou em torno dele” (Lange, 1914).

Tabaco — O tabaco era fumado em cigarros enormes, 1 pé (0,3 m.) comprimento e 1,2 cm de espessura, envolto em casca de tauarí. Estes circulavam, cada homem tirando alguns tragos de cada vez.

Bebidas — Os *Amanayé* bebiam uma bebida fermentada (provavelmente de mandioca) chamado cachiri.



Bibliografia

(Amanayé e Turiwara)

AGUIAR, 1851; ALENCASTRE, 1857; ARQUIVOS DA INSPECTORIA, 1942; BAENA, 1885; BRUSQUE, 1862, 1863; CRUZ, 1874; CUNHA, 1852; DANIEL, 1840; DODT, 1873; EHRENREICH, 1892; PRAZERES, Francisco de Nossa Senhora dos, 1891 ; GAMA MALCHER, 1878; LANGE, 1914; MARQUES, 1864; MEERWARTH, 1904; MENDES DE ALMEIDA, n.d. ; MOREIRA PINTO, 1894; NIMUENDAJU, 1914 (notas não publicadas); PLATZMANN, 1896; RIBEIRO, 1848 (1870); RIBEIRO DE SAMPAIO, 1812; SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS [SPI], 1942; SOUZA FRANCO, 1842 ; VILLA REAL, 1848.